

CÂNONE *AGONISTES*—CARTOGRAFIA DE IMAGINÁRIOS POÉTICOS: AUGUSTO DOS ANJOS & EDGAR ALLAN POE

Sandra S. F. Erickson
Departamento de Letras, UFRN
Roberto Frankson C. Martins
Pibic – UFRN

RESUMO

Este trabalho explora a pertinência da relação tropológica entre Augusto dos Anjos (1884-1914) e uma de uma importante influência, no sentido postulado por Harold Bloom (“pai-poético”), Edgar Allan Poe (1809-1849), abordando especificamente a relação entre o poema *Alone* (1845) [Sozinho] e o poema *Solitário* (1912) de Dos Anjos. Pretende-se, através da análise comparativa entre esses poemas, estabelecer um paralelo entre esses dois poetas, suas concepções estéticas, imaginário e temática. Utilizamos a metodologia de Harold Bloom; o revisionismo dialético e seu mapa de desleitura.

PALAVRAS CHAVES: angústia da influência, Augusto dos Anjos e Edgar Allan Poe.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se propõe a aproximar a poética de Augusto dos Anjos (de agora em diante AA) e Edgar Allan Poe, no sentido de tratar a relação de ambos nos moldes descritos pela teoria do crítico norte-americano Harold Bloom (1930-). Através de análise/decomposição das imagens empregadas por AA na composição de seu imaginário poético, é possível observar seu *agon* (luta) com as dos grandes nomes da poesia ocidental, conforme descreve a teoria de Bloom. As imagens encontradas na poética desse brasileiro configuram-se, na sua fortuna crítica, como representações do grotesco; porém esse aspecto de sua poética não é mais do que uma particularidade estilística utilizada por ele para atingir níveis, efeitos e reações mais profundas nos seus experimentos poéticos. Assim, uma análise mais detalhada de sua obra abre margem para interpretações das mais intrigantes, desmistificado sua fortuna crítica onde sua grandeza poética fica menos ressaltada. O viés da teoria de Bloom possibilita entender a singular genialidade do poeta no trato dessas imagens chocantes, pelo que é possível redimensionar a poética de AA para o lugar elevado (no cânone brasileiro e ocidental) que essa deveria ocupar.

A sua fortuna crítica, ainda com que equivocada sobre a natureza de seu projeto estético, admite a originalidade do poeta (Agrippino Grieco, Hermes Fontes, Anatol Rosenfeld, Ferreira Gullar) e serve como indicativo da atemporalidade das propostas do poeta com relação à sua na época, sobretudo porque AA não pode ser encaixado nas fôrmas dos movimentos literários passados. Assim, como disse Antônio Houaiss, lamentando a “pobreza infinita de nossa crítica quanto a [AA]”, estamos aqui para tentar fazer justiça a

sua magnífica obra, e dimensioná-lo para o patamar que lhe sempre foi próprio: o do sublime.

II.

Segundo Bloom, o processo criativo do poeta (assim como qualquer autor de uma obra literária) sempre envolve ansiedade e melancolia porque ele se encontra no momento limite entre a execução de um projeto artístico que ele quer que seja original, mas se depara com a frustração, pois ele percebe ou intui que tudo que ele quer realizado já foi alcançado. Esse sentimento gera o que Bloom denomina “maldição do tardio” (ver ERICKSON 2003). O ato de transformar suas idéias em matéria literária e se imortalizar com a sua produção estética é resultado de um processo parecido com o que chamamos de inspiração, embora com uma conotação, de certa forma mais negativa, constituindo-se então no tipo de influência que Bloom define como angústia da influência (BLOOM, 1991).

Por apreciar a tradição, o poeta forte sente que deve lutar para se inserir no cânone, cujas exigências são por demais desanimadora. A ciência dessa dificuldade gera o sentimento de melancolia que é uma espécie de inveja criativa, decorrente dessa maldição do tardio (o sentido de que ele nasceu tarde demais para ocupar um lugar de destaque). O novo poeta sente que tem que lutar para se estabelecer como merecedor de tal lugar. Norteadado pela crença de uma “exaustão da tradição,” esse “guerreiro” tenta se sobressair às obras daqueles que o influenciaram – que escreveram os poemas que ele mesmo gostaria de ter escrito, e se consagraram imortais. A angústia criativa que recai sobre o poeta e o persegue de tal forma que esse se sente na obrigação de lutar contra a influência do antepassado que o contamina e que o quer impedir de ir à frente. O resultado dessa batalha *agônica* é o poema (ou o texto) que será, metaforicamente, o relato/testemunho do duelo travado entre o poeta debutante e o seu “pai-poético.” Esse resultado será o que vai determinar se ele é merecedor de um espaço no *hall* dos “grandes guerreiros”, ou seja, um lugar no cânone literário.

Logo, para que possamos testemunhar essas batalhas, precisamos seguir os rastros deixados por esses “guerreiros”, no campo de batalha, a saber, o próprio poema, onde podemos encontrar as imagens trabalhadas/emprestadas de outros poetas por meio do estudo dos tropos (armas) empregados pelo poeta. Para entender o processo de composição do poeta, é preciso determinar-se a intersecção entre seu esquema tropológico e o de/dos outros poetas com os quais ele compete; ou seja, é necessário compreender o caminho e as transformações sofridas por essas imagens ao longo do tempo. Seguindo esse raciocínio, consideramos que o método de identificação das imagens recorrentes (leitmotives) é um dos processos fundamentais para se traçar o caminho tropológico encontrado no corpus proposto nesse projeto, nesse caso, os poemas: “Sozinho” (1829) de Poe e “Solitário” (1912) de Augusto dos Anjos. A metodologia do revisionismo dialético de Bloom (comentada acima), que mantém que o poeta, em seu processo criativo, se depara com a exaustão da tradição e precisa enfrentar as suas influências para poder se sobressair a elas e então se estabelecer como poeta, é a linha principal desse estudo comparativo.

Para se traçar uma linha tropológica entre essas composições poéticas, analisaremos as imagens que se encontram “aprisionadas” entre os poemas. Ou seja,

supondo-se que todo trabalho literário faz parte de uma tradição de falas, onde esses interagem e ao mesmo tempo a integram, podem-se encontrar vestígios desses trabalhos anteriores nos posteriores através dos conceitos de “apropriação” e “aprisionamento falso” desenvolvidos por Bloom. Desta forma é possível identificar o respectivo “poema-pai” de cada um desses poemas inscritos no cânone. Portanto, os poetas acometidos pela “maldição do tardio” (segundo a teoria bloomiana os poetas desde o romantismo teriam nascido com esse destino) estariam fadados a sofrer essa inveja criativa de seus antecessores, posição na qual encontramos AA.

Desde o início do projeto do qual resultou esse trabalho (A Arqueologia do Imaginário de Augusto dos Anjos), identificamos uma relação muito peculiar e admirável entre os dois poetas; o fato de ambos, em certos poemas, trazerem *motives* ligados a temas de caráter funesto os torna poetas que enxergaram o efeito distinto que a poesia pode produzir no ser humano, especialmente no que toca à reflexão de sua condição de mortal. Não levantamos aqui a idéia de originalidade no trato dessa temática, mas tão somente enfatizamos a eloqüência e coincidência da forma como essas foram tratadas por ambos, AA e Poe. Tratar a condição finita do ser humano, sua angústia e perseguição da imortalidade não é nenhuma novidade na história da poesia, porém a inversão desses valores trazida com a iniciativa de se procurar o outro lado da morte – o lado que ninguém ver, ou melhor, ninguém quer ver – o grotesco da decomposição da carne; o “trancendentalíssimo” (AA, 2003:93) momento em que a natureza clama de volta a matéria primordial da sua existência, é de uma genialidade ímpar em ambos os contextos. O instante após o final, a decomposição para a criação, o reinício de um ciclo que será eterno; não para o homem que se apega tão profundamente a sua inevitável existência passageira, também tampouco para o verme que é mais uma engrenagem na grande máquina da criação, mas para o universo infundável das estações da vida e suas leis, regras as quais o ser humano se resigna a aceitar por se achar superior na sua condição de ser pensante.

A idéia dos dois poetas em pensar essa condição humana e transformá-la em poesia, principalmente representando os aspectos grotescos da decomposição para descrever esse processo transcendental da carne que muitos não ousavam, e até temiam utilizar como matéria poética coloca esses dois poetas no mesmo patamar poético. Essa relação foi o objeto de estudos de três edições desse projeto de pesquisa. O presente trabalho continua a desenvolver mais uma comparação entre esses dois poetas, dessa vez analisado os poemas “Alone” [Sozinho] (1829), de Poe, e “Solitário” (1912) de AA, procurando identificar os diferentes níveis de influência entre os poemas, sob a ótica da teoria e metodologia da angústia da influência de Bloom.

III.

O estudo da temática “solidão” é muito interessante na poesia ocidental. Veja-se o poema na íntegra para que possamos destacar algumas passagens que reiteram a idéia de ciclo (estações/fases da vida) e como essas são montadas no imaginário do poeta, para então estabelecermos esse conceito de que a existência seria formada por ‘estações’, e que através delas o ser humano deve, como o eu-lírico, se descobrir:

From childhood’s hour I have not been

As others were; I have not seen
As others saw; I could not bring
My passions from a common spring.
From the same source I have not taken
My sorrow; could not awaken
My heart to joy at the same tone;
And all I loved, I loved alone.
Then – in my childhood, in the dawn
Of a most stormy life – was drawn
From every depths of good and ill
The mystery which binds me still:
From the torrent, or the fountain,
From the red cliff of the mountain,
From the sun that round me roll'd
In it's autumn tint of gold,
From the lightening in the sky
As it passed me flying by,
From the thunder and the storm,
And the cloud that took the form
(When the rest of heaven was blue)
Of a demon in my view.

“Desde a infância eu não fui
Como os outros foram; não vi
Como os outros viram; não extrai
Minhas paixões de uma origem comum.
Da mesma fonte não retirei
A minha dor; não pude despertar
O meu coração para a alegria em um mesmo tom;
E tudo o que amei, amei sozinho.
Então – na minha infância, na aurora
De uma vida tempestuosa – busquei
Das profundezas do bem e do mal
O mistério que ainda me domina:
Da torrente, ou da fontainha,
Do rubro penhasco da montanha,
Do sol que ao meu redor gira
Em seu tom dourado de outono,
Do relâmpago que no céu
Voando vejo passar,
Do trovão e da tempestade,
E da nuvem que tomou a forma
(Quando azuis eram os Céus)
De um demônio aos olhos meus.” (POE, 1984:**PAG**)

Pelo fato de o poema ter um nível simbólico que apresenta a vida desse eu-lírico sendo construída e representada através de ciclos como os da natureza [infância pintada como “primavera” e também como aurora (l. 9)], observa-se o desenvolvimento

dessa idéia por todo o poema. *Alone* por ser um relato retrospectivo, pois retoma a vida desse eu-lírico do início de suas memórias da infância até um momento decadente que antecipa o possível fim, faz um paralelo entre os pensamentos de uma mente não-comum à dos que o rodeiam. A solidão ocasionada por esse fato é confirmada pela idéia de uma “aurora/de uma vida tempestuosa” (l. 9-10), como a representação de sua infância, e essa imagem negativa só se desenvolve com o desenrolar do poema.

Em *Alone*, Poe representa um eu-lírico que chega a uma autodescoberta através dos ciclos (fases) de sua vida, desvendando-as e, assim, obtendo ciência do que essas representam para ele. Já no soneto de AA, *Solitário*, vemos – aceitando-se a premissa de que esse foi influenciado pelo de Poe—uma complementação do imaginário da idéia tratada em *Alone*. As imagens de Poe parecem estagnadas no clímax do poema. Essas imagens melancólicas de solidão concorrem para a criação de uma atmosfera sombria no ápice do seu “enredo”, onde o desfecho fica suspenso (assim como acontece em seus contos) e os leitores apenas podem inferir o que virá depois.

Poe constrói *Alone* de maneira muito semelhante à de seus contos mais psicologicamente densos. Ele traz o clima sombrio para a estória e o desenvolve até chegar ao seu clímax. Uma vez lá, o conto é encerrado sem um desfecho elucidativo, mantendo-se assim em suspenso o efeito da estória sobre o leitor; em outras palavras, em *Alone* o Eu lírico inicia-se na primavera tempestuosa, passa pelo verão nebuloso de uma existência sombria e desfaz-se na decadência do outono, no prelúdio máximo para o mais melancólico dos finais, o inverno.

Já em *Solitário* de AA, sente-se indícios do verdadeiro fim de um ciclo e do resultado de uma vida desgastada pela solidão; o último esforço desesperado pela visita a um jazigo na porta de um certo alguém que lhe vira as costas, consolidando assim a imagem depreciativa que o eu-lírico faz de si mesmo. A idéia de decadência é ambígua, pois além de se tratar de uma busca infrutífera por refúgio, o desprezo de que foi alvo o eu-lírico também pode se referir a Desgraça (l. 9) final (desgraça essa que é escrita com “D” maiúsculo), retratando o último e solitário inverno da sepultura. Para corroborar essa idéia vemos várias alusões (que são comuns, e diria até marcas do estilo de AA) a um processo de sepultamento, dentre elas destacamos: “ermos túmulos” (l. 2), “velho caixão” (l. 11), “tumbal carcaça” (l. 12) [AA, 2003:45] entre outras, que constituem a atmosfera geral do poema. Veja-se o soneto em sua forma integral:

Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia
Não era esse que a carne conforta...
Cortava assim como em carniçaria
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu saí, como tudo repele,
– Velho caixão a carregar destroços –

Levando apenas na tumbal carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!” (DOS ANJOS, 2003:45)

Percebe-se o poema de AA como um relato de um momento de decadência que, por sua vez, não deixa de aludir a uma atmosfera invernal em sua descrição de um fim inefável e vagaroso, no qual se estende, junto com a sua debilidade, o eu-lírico. O tema da invernal sepultura—assim como a relação entre inverno e morte – vem como um complemento da idéia de *Alone*, onde o eu-lírico parecia ter passado pelas estações (primavera, verão e outono) e apenas antecipar o que lhe traria o temido inverno. As imagens que caracterizam a passagem do inverno em *Solitário* como: “natureza morta” (l.2) e o ‘frio que corta feito lâmina’ (l. 5-8) integram, ou criam uma relação de continuidade com o poema de Poe. Essa complementação do imaginário do “poema-pai” faz parte do que prevê o revisionismo dialético de Bloom, segundo o qual o novo poeta (nesse caso AA) revisa o imaginário do poeta anterior que o influenciou (Poe) para daí tirar a matéria prima para sua composição poética. Existem algumas etapas pelas quais o novo poeta passa na decomposição e transformação da poesia de um poeta anterior. Dentre essas etapas especificadas por Bloom, o *Clinamen* (a primeira das razões revisionárias) que é “caracterizada pela ironia e pelo jogo dialético de presença-ausência, é uma má leitura ou encobrimento do poema-pai; movimento corretivo implicando que *o poema precursor foi até um certo ponto*, mas que nessa altura deveria ter se desviado na direção em que o novo poema se move” (ERICKSON 2003:227) representando então, a razão revisionária primordial que rege a relação entre esses dois poemas, ou seja, AA apura a relação entre os imaginários, estreitando sua relação com o poema-pai e, assim, o complementa através de seu próprio poema, dando um passo a frente em relação ao poeta anterior.

Considerações finais

Os níveis de influência nessa relação poética vão além da interseção dos imaginários nas formas acima citadas. No caso desses dois poemas, especificamente, encontramos uma influência de estilo, onde AA faz uso de um recurso de escrita utilizado por Poe em seu poema. Encontramos essa passagem na linha 8 de *Alone* (“And all I loved, I loved alone.” [“E tudo o que amei, amei sozinho.”]), onde Poe faz uso de um jogo de palavras e da aliteração para duplicar os sons empregados nesse verso. AA também se vale de um recurso muito semelhante em *Solitário*, mais precisamente na linha 5 onde se lê: “Fazia frio e o frio que fazia”, onde ele repete o mesmo estilo de escrita para uma duplicação/inversão gramatical da idéia exposta na primeira sentença. Essa passagem, em ambos os casos, faz parte de um momento crucial na estrutura dos poemas, por isso é importante ressaltar esse *shifting* [mudança] em seus andamentos que compromete toda a seqüência por vir.

Embora esse tipo de relação não seja o foco principal de nosso estudo, é importante destacar esses níveis inconscientes de influência, onde podemos perceber as aparições de elementos comuns entre os dois poetas em seus processos de criação. A

confirmação de tais relações serve para corroborar a pertinência da analogia aqui proposta, para assim, então, comprovarmos como AA procurou inserir se no cânone ocidental e, através de suas batalhas *agônicas* com os grandes da literatura, traçarmos (mediante sua desleitura) o mapa que leva a sua compreensão.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. *Eu e Outras Poesias*, São Paulo Editora: Martin Clarim, 2004
- AURELIO, Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa* (edição reduzida do Médio Dicionário Aurélio). 6a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência: Uma teoria de poesia*. Trad. Miguel Tamen. Lisboa: Cotovia, 1991.
- ERICKSON, S. S. F. . *A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Universitária, 2003.
- ERICKSON, S. S. F. . A teoria da angústia da influência de Harold Bloom: alguns conceitos e paradigmas fundamentais. In: Ilza Matias de Sousa. (Org.). *Café Filosófico: filosofia, cultura, subjetividade*. Natal: Edufrn, 2004, p. 286-301.
- ERICKSON, S. S. F. Quem tem medo de Augusto dos Anjos? Uma avaliação da situação do poeta no cânone. In: IV Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura, 2005, Campina grande, PB. Anais: IV Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura. Campina Grande, PB: UFCG, 2005.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- HOUAISS, Antônio. Sobre Augusto dos Anjos. In: *Augusto dos Anjos: Textos Críticos* Col. Literatura Brasileira 10. Afrânio Coutinho e Sônia Brayner (orgs). Brasília: MEC, 1973.
- POE, Edgar Allan. Sonnet to Science. In ABRAMS, M. H. (org). *The Norton Anthology of English Literature*. 6th ed. New York: Norton, 1993.
- POE, Edgar Allan. *The Poetical Works of Edgar Allan Poe*. New York: Redfield, 1858.
- POE, Edgar Allan. *Poe: Poetry and Tales*. Literary Classics of the United States. New York: Library of America, 1984.
- WIKIPEDIA. Acesso: 01/11/2007. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dr%C3%ADades>.